

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **GUIMARÃES 2012 - CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA. MEMÓRIAS DE UM TEMPO FELIZ.**

PONTE, António

Ano: 2014-2015 | Número: 124-125

---

### **Como citar este documento:**

PONTE, António, Guimarães 2012 - Capital Europeia da Cultura. Memórias de um tempo feliz. *Revista de Guimarães*, 124-125 Jan.-Dez. 2014-2015, p. 37-40.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## GUIMARÃES 2012 - CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA MEMÓRIAS DE UM TEMPO FELIZ

---

António Ponte<sup>1</sup>

Acedendo ao ilustre convite da Sociedade Martins Sarmiento, para integrar um volume crítico do evento que dá título a este texto, o que muito me honra, e crendo que muito outros desenvolverão análises críticas, de carácter mais ou menos científico, permito-me fazer uma análise crítica, de carácter empírico e muito mais sentimental.

Para enquadrar a minha participação neste evento terei de recuar alguns, poucos, anos. Iniciava-se o ano de 2009 e com ele uma nova fase na minha vida profissional. Depois de um longo concurso público, nomeação para Diretor do Paço dos Duques. Desafio, sem dúvida, muito estimulante, certamente.

Estava consciente da dinâmica cultural da cidade onde este Palácio Nacional se localizava, da importância simbólica do Castelo de Guimarães no contexto da História de Portugal, e da expectativa da nomeação de Guimarães como CEC 2012.

Não tinham ainda passado três meses, eis que surge a confirmação. Guimarães será Capital Europeia da Cultura em 2012. Se o desafio já era grande, tornou-se enorme.

O Paço dos Duques e os monumentos a si associados não poderiam deixar de estar presentes neste programa desde a primeira hora. Se até este momento a aproximação à comunidade local era uma prioridade tornou-se um eixo estratégico essencial.

É conhecida a dinâmica de visitação deste conjunto monumental. A análise das centenas de milhares de visitantes que poderiam permitir

---

<sup>1</sup> Diretor do Paço dos Duques – 2009 a 2012. Diretor Regional de Cultura desde 2013.

algum descanso tornavam-se uma inquietação. Onde estava a ligação à comunidade? Embora reconhecendo a importância dos monumentos porque é que os Vimaranenses não visitavam estes monumentos? Eis a nossa inquietação...

Nas diferentes conversas e sessões de trabalho que desde a primeira hora tivemos com as equipas de programação e produção de CEC – Guimarães 2012 tornava-se claro que a participação da comunidade local era um vetor de crucial importância. Excelente... esta preocupação cruzava-se com a que tínhamos definido para o nosso trabalho específico.

Começava o grande desafio... e foi de facto um grande desafio. Valorizar os monumentos, criar dinâmicas específicas, conhecer e motivar os públicos, recuperar e requalificar o conjunto monumental e a sua área envolvente, criar uma programação que fosse atrativa para a comunidade local, mas que simultaneamente tivesse a dimensão e a capacidade de atrair públicos de outras origens nacionais e internacionais.

Sucederam-se as experiências, correram-se riscos, uns ganhos outros claramente perdidos, mas o caminho fez-se caminhando.

Os anos de 2009, 2010 e 2011 foram claramente experimentais, permitiram-nos conhecer mais e ganhar dimensão, contactar com pessoas de diversas origens profissionais, culturais e funcionais, contactar com projetos de dimensão e tipologia muito diversa.

Ganhamos todos os desafios nesta etapa preparatória? Claramente que não. Mas ganhamos aquele que me parece um dos mais importantes de todos: o reconhecimento dos vimaranenses, das entidades públicas e privadas, da comunidade local em geral que começou a frequentar o Paço dos Duques, a assistir aos seus eventos e a reconhecê-lo, de facto, como uma estrutura integrada no meio social e cultural de Guimarães.

Internamente era necessário ganhar escala. Sempre fui muito crítico de programações avulsas de museus, pouco integradas no contexto museal em causa. Esse poderia ser um caminho em situação de crise. Acho que conseguimos escapar neste processo.

Ao longo destes três anos de preparação, participamos em muitas reuniões de trabalho, acompanhamos os processos, as crises e os sucessos. Foi um caminho muito árduo até chegar ao mês de janeiro

de 2012. Muitas vezes nos questionamos... será que isto vai chegar a bom porto?

Chegou. Chegou, porque acima de tudo estava em causa um espírito. O espírito de ser vimaranense. Este é para mim um dos fatores críticos de sucesso deste projeto. Não poderia imaginar que o “bairrismo” destas gentes pudesse em dia algum deixar ficar mal a sua cidade.

Assim, poderemos agora afirmar que Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura foi um enorme sucesso nacional e internacional, mas considero que foi também uma ENORME AFIRMAÇÃO DE UMA COMUNIDADE.

Esta comunidade não baixou os braços nas dificuldades, encontrou nos seus líderes o combustível de reação, a força da marcha, levantando-se perante a adversidade e criando uma programação capaz de ser simultaneamente de cariz internacional e diversa, mas capaz de envolver os seus públicos locais, integrando-os na produção com grandes artistas e agentes culturais diversos.

Neste processo, o Paço dos Duques foi palco de eventos memoráveis, viu alguns dos seus problemas estruturais serem minimizados, os seus espaços exteriores requalificados, programadas intervenções que viriam a dar novas dinâmicas ao património associado, mesmo que anos mais tarde.

Concertos, palestras, exposições... exposições, entre o sucesso e a dificuldade de reconhecimento do espaço, entre o papel disruptivo que os museus devem assumir e o reconhecimento da missão do museu pelo público, entre o informalismo e o formalismo absoluto, entre o tempo mais desafiador e mais difícil do meu percurso profissional... isso foi o Castelo em Três Atos.

Mas foi também o momento de enriquecimento pessoal. Ao longo deste texto muitos nomes poderiam ser trazidos, para não esquecer ninguém prefiro não o fazer. Mas muitos dos que contactei neste período estão entre aqueles que considero hoje meus amigos, algumas das pessoas que mais respeito. Sabem certamente quem são. Refiro unicamente Paulo Cunha e Silva comissário deste desafiante projeto, com uma clareza e diferença intelectual nunca vista. Fica a sua memória e o meu respeito...

Do ponto de vista pessoal não posso deixar de admitir que este foi um dos momentos mais relevantes de crescimento profissional até então. As dinâmicas observadas e participadas, o contacto com pessoas de formações mais diversas, a necessidade de pensar, criar e atuar, a necessidade de pensar em equipa...

Por falar em equipa. Não poderia deixar de referir que o resultado de um trabalho que liderei só aconteceu porque fui acompanhado pelos melhores colaboradores que alguém pode ter. Sem exceção a todos os colaboradores do Paço dos Duques e Castelo de Guimarães o maior reconhecimento e agradecimento... a sua disponibilidade foi total, o seu empenho absoluto, a vontade infinita...

Era um prazer vencer cada batalha, uma vitória sempre partilhada com todos. Mais uma vez aquele espírito... o ser vimaranense...

Se outros resultados não tivesse, a GUIMARÃES 2012 – Capital Europeia da Cultura reforçou o espírito do lugar, daquele lugar que anos antes tinha merecido o reconhecimento da UNESCO como Património Cultural da Humanidade, primeiro reconhecimento de um trabalho na área da cultura pouco vulgar à época.

Termino como iniciei. Não me é possível fazer uma análise baseada em indicadores estatísticos. Poderia utilizar os dados do número de visitantes do Paço dos Duques. Não me parece muito relevante. Isso deixo para quem fez a análise dos resultados absolutos. Esse estudo foi feito e apresentado. Importa-me aqui deixar um testemunho. Um testemunho mais sentimental e humano... reconhecer o envolvimento comunitário e o espírito do lugar como determinantes de diferenciação numa sociedade cada vez mais globalizada e indiferenciada...